



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão
de abertura do 32º Congresso Brasileiro de Agências de Viagens**

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2004

Eu estava reclamando ali, porque eu estava tossindo e falei para o Mares Guia: eu conheço algumas autoridades que, se estivessem tossindo, apareceriam 80 pessoas com bala para ele chupar. Eu quase morro ali e não tinha uma bala.

Meus companheiros, minhas companheiras,

Minha querida governadora Rosinha Garotinho, do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido Tasso Gadzanis, presidente da Associação Brasileira de Agentes de Viagens,

Meu querido companheiro Walfrido,

Meu querido companheiro Gushiken,

Meu caro senador Eduardo Azeredo,

Meu caro deputado José Militão,

Meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Senhoras e senhores,

Deputados aqui presentes,

Prefeitos,

Eu estava olhando um prefeito ali, não sabia se era o João Paulo, de Recife. Está aí o nosso prefeito de Recife. Vocês percebem a cara de quem ganhou as eleições no primeiro turno pelo sorriso dele, todo feliz da vida.

Meus queridos deputados estaduais,

Secretários estaduais,

Companheiros do governo federal,

Companheiras,



Meu querido Zeca Pagodinho. Seria tão bom se, ao invés de eu estar falando aqui, você estivesse cantando “Deixa a vida me levar”. Eu vou ter uma conversa com o Zeca Pagodinho daqui a pouco, eu o convidei para sentar ali e, pela primeira vez, ao invés de ouvi-lo, ele que me ouça.

Eu até queria dar uma sugestão para os empresários do turismo: compensaria cada empresário assistir o DVD do Zeca Pagodinho. É o primeiro cantor de samba que faz o seu show, o seu DVD gravado ao vivo, com orquestra, com maestro de verdade. E eu penso que seria uma obra-prima se cada turista, mesmo que não entenda uma palavra de português, saísse levando o DVD embaixo do braço e gingando por causa da beleza do DVD. É uma das coisas mais bonitas que eu já vi da música popular brasileira. Meus parabéns, Zeca.

Eu estou aqui com um discurso, mas estou querendo fazer um improviso, para contar uma história para vocês. Bom, primeiro eu descobri, na campanha de 1989, que nenhum candidato conhecia o Brasil. Quando as pessoas são candidatas, contratam uma assessoria, preparam um programa e passam a falar sem ter noção do que estão falando.

Depois que terminou a campanha de 1989, eu resolvi conhecer um pouco o Brasil. E montamos as Caravanas da Cidadania. Percorremos, em dois anos e meio, 91 mil km de trem, de ônibus e de barco. Foi, possivelmente, o momento maior da minha vida como brasileiro, para eu ter a dimensão do que é o Brasil e do que é o povo brasileiro. Porque um candidato desce no aeroporto, vai para o palanque e do palanque vai para aeroporto. No momento em que ele está bem nas pesquisas, cercado de puxa-sacos por todos os lados, ele não consegue ver nada. Se ele está mal, ele desce sozinho e não é nem convidado. Mas ele não tem dimensão. E essas caravanas me deram a verdadeira dimensão do que é o Brasil.

E daí, como eu nunca tinha sido convidado para um congresso de turismo, nunca fizeram para mim a reivindicação de criar o Ministério do



Turismo. Eu criei, porque eu sempre achei descabido, no Brasil, um país deste tamanho, com um potencial extraordinário – que faz fronteira com toda a América do Sul, com exceção do Chile e do Equador – não tivesse um Ministério do Turismo e que o turismo fosse tratado como apêndice de uma outra área.

Quando eu comecei a trabalhar o programa de governo, comecei a perceber o seguinte: bom, se o Ministério é do Turismo e Esporte, o cidadão não pode nem ser bom no esporte, nem ser bom no turismo, ele tem que escolher uma coisa. E foi daí que nós tivemos idéia de criar o Ministério do Turismo. E quero dizer para vocês que é natural ele falar bem de mim, porque eu sou o chefe dele. Ele falar bem dele mesmo não é uma boa política, porque ele pensa que vai se perpetuar. Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês que quando se faz política com seriedade, quando o objetivo maior não é o pessoal, mas o coletivo, isso faz com que a gente acerte mais do que erre.

Eu não conhecia o Walfrido. Eu fui muito amigo do irmão dele, que foi deputado do PT, mas não conhecia o Walfrido. Eu ouvia dizer que ele não poderia vir para o governo, porque ele tinha sido o maior privatizador do governo do Eduardo Azeredo, quando foi governador de Minas Gerais. Então, eu não poderia trazer o Walfrido.

Mas eu precisava ampliar a minha base de aliança no Congresso Nacional. Eu percebi, rapidamente, a diferença entre “eu acho” e “eu faço”. Quando a gente está teorizando, a gente pode achar tudo, quando a gente está governando, a gente tem que fazer, então precisa deixar de “achar”.

E eu precisava construir uma base de sustentação, lá no Congresso Nacional, já que o Eduardo Azeredo não queria me apoiar e não era deputado também. Pois bem, eu fui, então, conversar com os companheiros do PTB e eles me sugeriram o nome do Walfrido.

Eu quero dizer para vocês, homens e mulheres do turismo brasileiro, que o mais importante não foi eu ter criado o Ministério do Turismo. O mais



importante foi eu ter achado o homem certo para ocupar o lugar certo, na administração do turismo brasileiro.

Primeiro, pela sua inteligência; segundo, pela sua habilidade enquanto empresário bem-sucedido que é, na área da educação; terceiro, porque há uns 30 anos que ele vem sendo secretário em Minas Gerais, de um monte de coisas: foi Secretário de Planejamento, foi Secretário de Educação. Portanto, é um homem que tem dimensão, tanto da coisa privada quanto da coisa pública.

Quando eu indiquei o Walfrido e todos os ministros, e aqui tem dois, todos, eu nunca disse para um deles: “Olha, você está convidado para ser ministro, agora o seu chefe de gabinete, o secretário executivo do Ministério vai ser escolhido pelo Presidente, o tesoureiro do Ministério vai ser escolhido pelo Presidente”. Muita gente já fez isso, no Brasil. Eu disse para eles: montem o seu time, o que importa, para mim, é que o time ganhe.

E, para minha surpresa, ele trouxe alguns companheiros que, se eu não o tivesse convidado, possivelmente teriam sido convidados para ser ministro. Porque ele conseguiu montar, obviamente que tem muita gente no Brasil, mas ele conseguiu montar, no Ministério dele, uma equipe em relação à qual pode até ter pessoas iguais, do ponto de vista da competência e da dedicação, mas eu duvido que tenha gente melhor do que a equipe do Walfrido, no Brasil, para cuidar de turismo. E a dedicação, o compromisso, a vontade, a determinação. Companheiros que, inclusive, estiveram doentes durante muito tempo e que o excesso de trabalho, o excesso de cobrança, como o de Eduardo, a gente percebe que, se ele tivesse tido o Walfrido como chefe antes, não teria gasto tanto dinheiro com médico, teria se recuperado.

Bem, isso só acontece porque o Walfrido tem determinação política. Ele acredita e quem acredita faz acontecer. Ele não é como uma “madona” chorona, que fica o tempo inteiro reclamando que não vai dar certo. Não tem nada pior na vida do que o pessimismo. Você acordar de manhã, botar o pé no chão e já começar: “não vai dar certo, meu dia vai ser ruim”.



Não há país que vá para a frente, não há ser humano que vá para a frente, não há cidade que vá para a frente, se a gente não pensar de forma ativa, positiva. E se tiver problemas, vamos enfrentá-los.

Então, eu quero te dizer, meu querido companheiro Tasso, que eu acho extremamente honesto, acho extremamente saudável a democracia e, sobretudo, acho extremamente positivo, do ponto de vista da relação entre os mais diferentes agentes da sociedade brasileira, que você, num Congresso em que é o Presidente de todos que estão aqui, você diga exatamente o que pensa, com a seriedade que você disse, fazendo as reivindicações do setor, sem deixar de reconhecer os méritos que tem o governo.

Eu acho isso saudável e posso te garantir que isso ganha muito mais o meu respeito do que se você tivesse feito um discurso apenas enaltecendo, às vezes, até coisas que a gente não fez. Essa sinceridade, na relação humana, é que pode fazer a gente construir um país mais sólido, uma democracia mais sólida, em que as pessoas confiem, antes de tudo, em si mesmo.

O discursinho que eu tenho aqui, eu já vou tirar umas páginas fora porque tanto a Governadora quanto o Ministro já falaram a respeito. Mas eu acho que tem algumas coisas, alguns números que são importantes, que eu penso que vou concluir com um improvizozinho, mas eu preciso ler algumas coisas que estão aqui.

Eu acredito no turismo porque é a forma mais eficaz e mais barata da gente fazer a inclusão social, do emprego e do salário. E, sobretudo, porque é uma atividade que pode nos ajudar a resolver um problema grave, hoje, que pode se tornar perigoso amanhã, que é a esperança, concretizada numa oportunidade de trabalho, para milhões e milhões de adolescentes brasileiros que, às vezes, têm até uma formação educacional média, mas que não têm uma oportunidade de trabalhar. O turismo pode ser essa grande alavanca, para que a gente possa recuperar a esperança dessa gente.

Nós fizemos aquilo tudo que foi pedido até agora pelo nosso querido



companheiro ministro Walfrido Mares Guia. Se não fizemos mais é porque não está em jogo apenas os interesses dos agentes de viagens, ou seja, tem outros setores brigando, fazendo pressão e o governo funciona como uma espécie de ponto de equilíbrio para que a gente possa, no consenso, encontrar alguma solução.

Por exemplo, quando o COFINS pesou muito, no ombro das agências, dos hotéis, não houve vacilação do governo em voltar atrás e tomar as medidas que foram necessárias para que a gente pudesse diminuir.

Obviamente que nós temos um problema com o visto americano. Na política, tem uma coisa chamada “lei da reciprocidade”. E não é por causa de 100, ou 50 dólares, que o americano não vem aqui. Não é por isso. Nós precisamos descobrir porque ele não vem aqui. Porque o brasileiro é obrigado a tirar o sapato e vai lá, além de pagar 100 dólares. Nós precisamos detectar porque eles não vêm aqui e porque não vem mais gente.

E, aí, nós vamos descobrir uma coisa sagrada, que deve ser a lição de casa de todos nós. Numa reunião como esta, vocês vão se encontrar à noite, vocês vão fazer rodinha no restaurante para comer, nos hotéis, vocês vão falar de novela, de lugares, e porque vocês não ficam contando as brigas de vocês, dentro de casa? É porque a gente quer preservar a nossa família, a nossa imagem. A gente quer preservar aquilo que a gente tem de sagrado.

E porque a gente não tem o mesmo pensamento para com o país, para com o estado e para com a cidade? Por que a gente não tenta preservar aquilo que a gente tem de bom, que é o que pode motivar as pessoas a virem aqui? Ninguém vai a um baile, à noite, se disserem: “Só tem homem”. Não é verdade? “E, ainda, por cima, são homens feios.” Aí, não vai ninguém mesmo.

Ninguém vai a um lugar se disserem: “Olha, naquele lugar ali morrem 70 pessoas por dia”. Ninguém vai. Esses fatos existem? Existem. Eles têm que ser tratados com seriedade? Sim. Mas eles não podem e não servem para ajudar naquilo que nós precisamos para o turismo.



Não quero que ninguém diga que eu estou pedindo para não dizerem as coisas que acontecem. Mas é preciso saber como tratá-las. Se um cidadão toma um “cascudo” da mulher, de noite, porque chegou tarde, ele não vai chegar dizendo: “Minha mulher me deu um cascudo”. Ele tem vergonha. Ele vai dizer: “A minha mulher (inaudível)”. A cabeça está doendo, mas ele vai dizer isso.

Nós temos problemas no Brasil? Nós temos que mostrar. Mas é preciso que a gente discuta como mostrar sem que isso afete a essência do nosso país, que é muito maior do que esses problemas.

E como eu viajei muito o Brasil, um dia eu cheguei em Natal – não sei se tem alguém de Natal, do Rio Grande do Norte – eu cheguei lá e fui fazer um debate com os donos dos hotéis. Fomos eu e dois amigos meus, que não vou dizer o nome, porque eles não estão aqui, um economista e um empresário, para discutir turismo.

Então, chegamos ao hotel, desgraçadamente depois do almoço. Porque, depois do almoço, vocês que participam de muitos eventos sabem, é triste, principalmente se a conversa não estiver agradável. Eu cheguei com os empresários e, primeiro, pedi para o meu assessor econômico falar sobre turismo. Ele falou uns cinco minutos e ficou claro que não entendia nada. Aí, eu pedi para o empresário que estava comigo para falar sobre turismo. Ele falou, também, uns 10 minutos, e percebeu-se que ele não entendia nada. Aí, chegou a minha vez de falar. Eu olhei para a fisionomia dos empresários que estavam lá e disse: “Olha, vocês já perceberam que a minha turma não entende de turismo. E se eles são os meus assessores, significa que eu entendo menos do que eles. Então, é importante que vocês digam para mim o que que vocês querem que a gente faça para o turismo. Nós vamos economizar tempo”.

E isso, na verdade, foi feito. A partir daí nós assumimos a responsabilidade e chegamos onde estamos hoje, eu diria, num estágio mais avançado do que qualquer outro momento, do ponto de vista da estrutura, da



política estruturante para o turismo brasileiro.

E tem muita coisa para acontecer, que não vai depender do Ministro. Por exemplo, nós estamos aqui, com a Caixa Econômica, que tem que cuidar, de forma carinhosa, para que a gente possa ajudar no crédito para os pequenos empresários desse setor. Nós temos que estudar com carinho, porque não há nenhum interesse de o Estado brasileiro ou de bancos estaduais ficarem disputando espaços com a iniciativa privada, não tem nenhum sentido para nós, nós temos outras coisas para fazer.

Eu só quero dizer que não tem tabu neste governo, este governo não tem tema que não possa ser discutido, nós não somos donos da verdade, nós achamos que o ser humano tem que ser sempre uma ‘metamorfose ambulante’, sempre disposto a aprender alguma coisa nova que ainda não sabe e não ter, nunca vergonha de dizer que não sabe. Não tem nada pior na relação humana do que alguém não saber e não ter coragem de dizer: eu não sei. É por isso que no Brasil tem um alto índice de repetência, porque o professor não pergunta se o aluno aprendeu, o aluno não diz que não aprendeu e nós ficamos nos enganando. Eu tenho a convicção de que nós mudamos e vamos mudar um pouco esse padrão de convivência entre nós. E para isso, nós temos que falar bem de nós. Qual era o papel de uma embaixada brasileira antes do nosso governo, em muitos países? Não é que o embaixador fosse menor, até porque são os mesmos. Era melhor ou pior? O embaixador, também, trabalha subordinado à orientação política. Se não existe orientação política do governo para que tais coisas aconteçam, ele cumpre o ritual dele. E aí o embaixador Azambuja, não sei se ele está aqui, mas eu o vi na Firjan, um dia me contou uma piada que achei *sui generis*, bonita demais: ele chegou na Embaixada de Paris e uma turma de brasileiros foi visitar a Embaixada, e o porteiro era um português. Normalmente, nas embaixadas brasileiras, em todos os lugares, é um português de Portugal que é o motorista do embaixador. Aí, a delegação de brasileiros chegou para o português e



perguntou: “o embaixador está? Não. Está aí o primeiro-secretário? Não. Está aí não sei quem? Não. Escuta aqui, eles não trabalham de manhã?” Aí o porteiro respondeu: “não, de manhã eles não vêm; eles não trabalham é à tarde.

Isso aconteceu porque faltava orientação. Hoje, com a integração entre os mais diferentes ministérios sabe-se que a embaixada é um lugar extremamente importante para começarmos a mostrar a cara do Brasil lá fora, não mostrando apenas cartaz, o comportamento político do embaixador é que vai mostrar a cara do Brasil. Nós temos que nos respeitar, ninguém respeita quem não se respeita, ninguém. Então, nós precisamos nos respeitar para que, lá fora, as pessoas nos respeitem. E quando nós começamos a trabalhar assim, a gente percebe que vai colher frutos e estamos colhendo. Como é que a gente pode querer muito turismo da América do Sul para o Brasil se não tem aeroporto, se não tem estradas? É preciso fazer essa integração para que as coisas aconteçam. É preciso ter essa integração.

Eu me lembro do tempo em que o avião, para trazer turista para o Brasil, tinha que sair da Espanha, ir até São Paulo ou ao Rio de Janeiro, para depois o cidadão descer aqui e voltar, levando mais tempo do que ele viajou de lá para cá para ir a um estado do Nordeste. Ora, que burrice era essa, que não permitia que o avião passasse. Ah, não, vai ter que ter Polícia Federal, vai ter que ter uma alfândega, vai ter que ter uns quatro ou cinco funcionários. Ao invés de pensar apenas no gasto, vamos pensar no retorno que isso pode trazer para o país, os benefícios que isso pode trazer para o país.

Então, podem ficar certos, meus companheiros, que nós vamos cumprir a nossa parte. Nós sabemos que tem muito por fazer e nós vamos fazer. Agora mesmo, o governo federal está assumindo a responsabilidade, que era a parte dos estados brasileiros com o Prodetur, estamos assumindo 80 milhões de dólares para que a gente possa utilizar esse recurso, de verdade, e as pessoas não fiquem apenas cobrando do Ministro, já que os estados não têm recursos,



nós vamos passar esse recurso para que o Ministro do Turismo possa fazer essa boa política.

O trabalho que o companheiro Carlos Wilson está fazendo, no Brasil, nos aeroportos, vocês sabem e conhecem perfeitamente bem. A quantidade de aeroportos, no Brasil, que estão ficando novos, bonitos... porque são a cara do país! Se o cidadão, o turista estrangeiro chega ao Brasil, e encontra um aeroporto “muquifo”, ele vai levar para fora a cara do “muquifo”. Se ele encontra um aeroporto que não tem banheiro adequado, que não tem uma loja, que não tem um bar adequado para ele tomar café, em que as pessoas estão se espremendo, essa é a primeira imagem que fica.

É por isso que, muitas vezes, quando você coloca uma galinha para chocar patinho, os patinhos, quando nascem, saem tudo correndo atrás da galinha. É muito engraçado, porque os patinhos entram na água e a mãe fica atrás, sem poder entrar na água. O turista vê isso.

Vamos pegar o Santos Dumont, que é o nosso aeroporto, aqui, e que na semana passada, foi dada a ordem de serviço, pelo companheiro Carlos Wilson, vamos gastar 272 ou 274 milhões para deixar esse aeroporto com a beleza e com o respeito que o Rio de Janeiro merece dos 180 milhões de brasileiros e de outros milhões de estrangeiros que vêm para cá.

É como fizemos no aeroporto de Congonhas. Quem tem ido a São Paulo, ultimamente? Agora ficou civilizado, o povo é tratado... Ainda falta um processo de educação, que é nosso, porque o rapazinho chama lá: “Por favor, embarquem os passageiros de poltronas 14 a 21”, que é para os últimos entrarem primeiro. Mas não, entra todo mundo junto. Mas, é um processo de educação que a gente vai ter, ainda. É um processo de educação porque para isso não tem guarda, não tem lei, não tem nada, é educação.

Uma outra coisa que eu acho extremamente importante dizer para vocês é que não basta os aeroportos estarem bonitos e termos vontade. Nós tomamos uma decisão de fazer com que o Brasil se inserisse no mundo de



uma forma mais ousada. Daí porque eu achava absurda a proibição do vôo charter para os estados brasileiros, quando, na verdade, nós deveríamos abrir, para que as pessoas pudessem ter mais facilidade de chegar ao Brasil. Se eu quero que as pessoas venham ao Brasil, eu tenho que criar as condições dessas pessoas virem ao Brasil.

Eu falo sempre e as pessoas, muitas vezes, ficam com ciúmes, mas só tem um estado brasileiro que soube tratar do turismo com a dimensão merecida, a Bahia. Aquele negócio de você chegar à Bahia e ter aquelas baianas bonitas, vestidas de baianas, cheias de fitinhas do Nosso Senhor do Bonfim para dar na mão das pessoas, aquilo é um cartão de visitas e qualquer um que chega se sente bem.

Depois, fizeram propaganda do estado, durante anos, no Brasil inteiro. Do Oiapoque ao Chuí, ligava-se a televisão e estava lá a propaganda da Bahia. Eu morei em São Paulo, desde os sete anos de idade, e a gente era tratado de “baiano”. Baiano era uma coisa quase... Era verdade. Falar “baiano” era um adjetivo, era ofender a gente.

Os baianos conseguiram, com essa política, recuperar a auto-estima. E os baianos conseguiram, com isso, fazer com que a “baianidade” fosse um valor e não um defeito. E, hoje, a Bahia está colhendo isso.

Eu digo isso e vou dizer, na frente da nossa querida governadora e dos empresários do Rio de Janeiro que estão aqui: nós precisamos vender o Rio de Janeiro com o que o Rio tem de bom. E tem muita coisa boa. Cada vez que eu venho de avião, para o Rio de Janeiro, eu falo: não é possível que Deus tenha passado por Caetés e não tenha feito Caetés ser o Rio de Janeiro, com essa beleza toda. Não é possível! É um povo extraordinário.

Eu visito o Rio desde 1975. Freqüento muitos lugares. Ora, tem violência? Tem. Mas nós temos que relativizar porque, certamente, as coisas boas são infinitamente maiores do que as coisas ruins. E nós precisamos, sem esconder as coisas ruins, mostrar as coisas boas para o Brasil e para o mundo.



Como é que pode um turista estrangeiro, que vai comprar uma passagem, em algum lugar, não receber um cartãozinho do Brasil, uma coisa boa. Se a gente começar a mostrar o que é Foz de Iguaçu, Niágara vai desaparecer do mapa, porque é muito mais bonita a Foz de Iguaçu. Agora, nós é que temos que cuidar de nós, esse é o lema; nós é que temos que ter a auto-estima para cima; nós é que precisamos nos levantar de manhã... como eu disse, agora, na Firjan, vocês querem ficar nervosos, querem xingar o Walfrido, – a Sheila não vai gostar, mas podem xingar –, vocês querem xingar o Presidente, podem xingar. Agora, quando saírem para fora, meu Deus do céu, levantem a auto-estima, acreditem que o dia vai ser positivo e vamos pensar em coisas positivas; o que está ruim, vamos melhorar, porque não há sociedade que vá para a frente se nós não acreditarmos nisso. Este país é muito grande, é muito poderoso, tem um povo excepcional. Agora, nós precisamos gostar de nós mesmos.

Aqui, no Brasil, a coisa é tão, de vez em quando, maltratada, que você tem um setor da sociedade brasileira que vai à Europa, vai ver museus e acha maravilhosos aqueles museus, aqueles castelos antigos e fala: “isso é que é civilização”. Mas, quando chega aqui, no Brasil, e um prefeito, um governador quer gastar “5 reais” para recuperar um prédio histórico, começa a dizer: “daria para construir cinco casas populares, daria para não sei quantas”. É assim, é assim que se faz neste país.

Eu, agora, estou recuperando o Palácio da Alvorada, porque aquilo já tem 50 anos, e está totalmente deteriorado. E aquilo não é o Palácio do Lula, eu estou lá de forma passageira, aquilo é uma estação que pode perdurar 100 anos se a gente cuidar, se não cuidar, dura 50. Quando ele estiver deteriorado, vai aparecer um engraçadinho que falando: “vamos implodir”. Aí, implode-se, como tantas coisas bonitas neste país já implodiram, porque as coisas bonitas não têm valor em muitos lugares. Aqui, no Brasil, não. Nós vamos lá fora, achamos tudo maravilhoso. Agora, não sabem, que um castelo daqueles, para



ser mantido, custa uma fortuna. E ele é mantido porque a fortuna que se gasta para mantê-lo tem retorno com o despertar da curiosidade de nós mesmos. No Brasil, não, derruba-se tudo.

É preciso que a gente tenha um mínimo de sensibilidade. Ser civilizado não é falar inglês, ser civilizado é aprender a gostar das coisas boas, é aprender a preservar o meio ambiente, é aprender a cuidar dos nossos rios, é isso que dá demonstração para trazer gente para cá, é isso que vai trazer muita gente para cá. E aí, meus caros, vocês têm no governo não apenas um parceiro, vocês têm um cúmplice. Esse homem que está aí, Walfrido dos Mares Guia, está jogando a vida dele para provar uma tese que ele tem e que foi tão bonito, feito pela ABAP – Associação Brasileira de Publicidade – com aquela propaganda “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”, uma obra-prima de publicidade para este país.

O Vanderlei, aquele corredor, imaginem se o Vanderlei não tivesse auto-estima; imaginem quando ele veio naquela corrida e apareceu um gaiato, lá, e segurou o pobre do rapaz; imaginem se ele sentasse, lá, e ficasse chorando, ah, porque dá tudo errado na vida; “ah, é o Lula que é o culpado; ah, o Walfrido não estava aqui”. Imaginem, ele não ia aparecer em lugar nenhum. Como ele é um brasileiro e acredita nele. Ele levantou, saiu correndo, chegou lá e virou mil vezes mais personalidade do que o cara que ganhou, que ninguém sabe quem é. Mas o Vanderlei, todo mundo sabe quem é.

Então, meus companheiros e minhas companheiras, eu vou terminar sem ler o meu discurso. Mas queria dizer para vocês: estejam certos que neste governo vocês não terão dificuldades, primeiro, de criticar. Segundo, se a crítica for justa, nós saberemos acatar e tentar encontrar a solução. Se a crítica não for justa, quem fala o que quer ouve o que não quer.

Essa relação sincera de homens e mulheres que pensam este país e, sobretudo, pensam não apenas para ganhar um dinheiro, mas para garantir que aqueles que virão depois de nós viverão melhor do que nós. Se nós



acreditarmos nisso, vocês podem ficar certos que nós vamos passar para a História como aqueles que acreditaram no Brasil pela primeira vez, na indústria do turismo, numa indústria forte, numa indústria não poluente, numa indústria rentável e numa indústria que precisa ajudar os milhões de jovens que precisam de empregos.

Eu quero, nesta 32ª Conferência, dizer para vocês que foi a primeira da qual eu participei. Se for convidado, estarei na 33ª, espero que com mais boas notícias para vocês. E se só for convidado enquanto for Presidente, ainda vou estar na 34ª. Depois, só Deus é quem sabe.

Muito obrigado. E meus parabéns a vocês.